Imagens iluminando livros.

Ricardo Azevedo

1



Que está a fazer aquêle menino com o auscultador nos ouvidos? Que é que êle ouve? O que é o telefónio? Êle está a falar com aquela menina. E a senhora que está no meio dos dois, que está fazendo? Está a transmitir notas telegráficas. Para que serve o telégrafo? Já viste um fonógrafo? Aquela família está ouvindo a música dum fonógrafo. Mostra-me um termómetro. Para que serve o termómetro? Já ouviste falar em electricidade? O que é a luz eléctrica? Mostra-me uma lampada eléctrica. Vês a luneta astronómica? Com que aparelho se estudam os astros? Qual é o apatelho que nos serve para vermos as coisas muito pequeninas? Conheces o microscópio? Que está fazendo o fotógrafo. Queres

[·]Artigo revisto e ampliado em março de 2014 publicado pela primeira vez – sem as imagens – na Revista Releitura, Publicação da Prefeitura de Belo Horizonte "Pensar BH"- Belo Horizonte – Dezembro de 2002 – Nº 16.

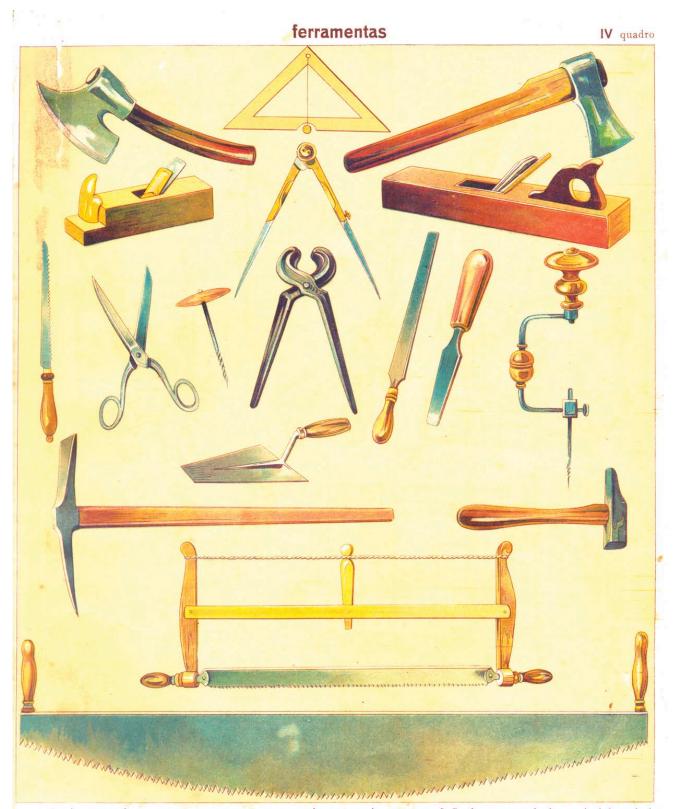
Vou falar de alguns livros que, com suas imagens, marcaram minha infância e influíram, não só na minha decisão de me tornar desenhista, como na construção de minha visão de mundo.

O primeiro foi um livro velho, um grandão de capa dura, grosso e cheio de desenhos coloridos, impresso em Portugal lá pelo fim do século XIX. Não trazia título, nome do autor, editora, data de impressão, nada. Nenhuma referência bibliográfica. Suas páginas eram impressas só na frente com os versos permanecendo em branco. Com certeza, eram gravuras soltas usadas como material escolar, coisa do tempo dos meus avós, que ficaram guardadas e, mais tarde, meu pai juntou e mandou encadernar colocando um título genérico na lombada: *Livro de Gravuras*.

Ainda não sabia ler quando descobri esse livro. Lembro-me de ficar folheando suas páginas, da primeira à última sem pular uma, encantado pelos desenhos. Cada prancha tratava de um assunto e o conjunto das imagens formava uma espécie de inventário: nossa mobília, nossas louças, instrumentos agrícolas, instrumentos musicais, ferramentas, coisas diversas, pessoas da família, animais domésticos e selvagens, árvores, plantas, flores, frutas, povoados, habitações, as estações do ano, as invenções modernas, fenômenos atmosféricos, o mar, armas antigas e modernas, os meios de comunicação, jogos infantis, tipos de raças humanas e por aí afora. Este livro velho foi um verdadeiro tesouro para mim. Durante anos, quando não tinha nada para fazer, sentava na sala, abria o calhamaço e ficava olhando e olhando. Conforme crescia e aprendia coisas, suas imagens iam ganhando novos e outros significados. Não cansava de examinar aquelas frutas, aquelas flores, animais e objetos. Pensava: - Quanta coisa existe no mundo! Como é possível alguém desenhar tão bem? Minha vidinha de criança pequena ganhava sentido através de tantas imagens. Era como se o livro me revelasse que todas as coisas – eu inclusive – faziam parte de uma imensa e riquíssima narrativa. Tudo no mundo parece que se interligava e essa sensação me apaziguava e ao mesmo tempo me fascinava.

Com o *Livro de Gravuras*, hoje eu vejo, tomei consciência do tamanho do mundo e de quanta coisa existe e merece ser vista. Recebi também através dele – afinal suas imagens mostravam detalhadamente um cotidiano de outra época – uma primeira visão do Tempo e da História.

Havia, preciso dizer, no pé de cada página, uns textinhos compostos em corpo pequeno. Só os li bem mais tarde. De qualquer forma, o verdadeiro e maravilhoso texto *do Livro de Gravuras* era, sem dúvida, suas imagens.

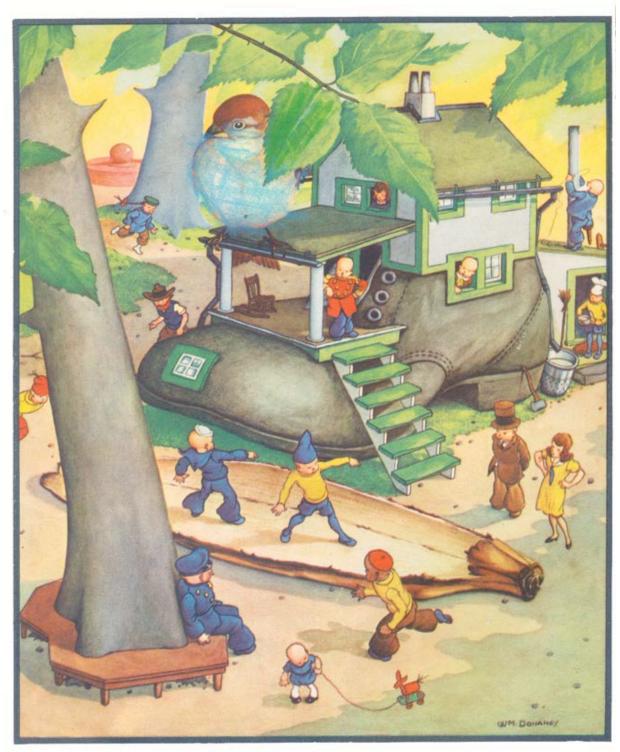


Quais são as ferramentas que se empregam para fazer êsses instrumentos? Conheces o machado, o nível de pedreiro, a serra, o serrote, a torquez, a verruma, a tezoura, o furador, o desandador, o martelo, a plaina, o compasso, o barbequini, o formão, etc? Para que serve cada uma destas peças de ferramenta? Mostra-me nêste quadro cada uma dessas peças e dize-me se são aguçadas, polidas, dentadas, cortantes. Quem aplaina as tábuas? Quem lamina o ferro? Quem levanta uma parede? Quem faz a argamassa? A madeira, as pedras, o saibro e a cal são materiais de construção? Edificam-se as igrejas, as casas, os palácios, as torres. Construem-se pontes, caminhos de ferro, canais, estradas. Quem traça o plano ou a planta dessas construções ou dessas edificações? Querias ser engenheiro?

Instrumentos músicos



Eis aquí alguns instrumentos que tu conheces. O piano, o violão, o tambôr, a rabeca, o cornetim, os pratos clarinete, a trompa, a caixa de música e a harpa. Os instrumentos de música de que são feitos? Quais são os instrumentos construidos de madeira? Quais são os instrumentos metálicos? Com que é que se toça no tambôr? Quais são os instrumentos de sôpro? Quais são os instrumentos de corda? Conheces as notas de música? Já fizeste um assobio a uma gaita? De que são feitos? Gostas de música? Queres ser músico?



Um a casca de banana é bom lugar para os anões patinarem.

(William Donahey, A Cidade dos Anõezinhos, p. 8)

Outro livro inesquecível: *A cidade dos anõezinhos* de William Donahey, Edições Melhoramentos, sem data.

Adorava este livro de capa amarela não tanto pelo texto. O tal Donahey escrevia e desenhava, mas era nos desenhos que seu trabalho mais brilhava. Suas ilustrações cheia de cores eram muito bonitas e generosas.

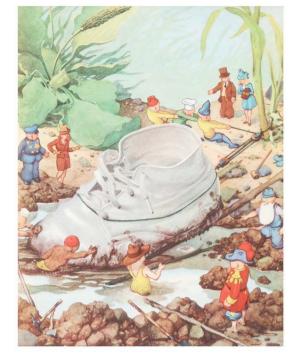
Imagine se, sem que a gente percebesse, existisse um bando minúsculo de anõezinhos vivendo e usufruindo às escondidas de nosso espaço cotidiano. Era essa, mais ou menos, a ideia de onde o autor partiu para realizar seu trabalho.

Os anõezinhos moravam num terreno baldio dentro de uma bota. Brincavam de patinação em cascas de banana. Usavam lápis como estacas para prender o varal. Trepavam em flores como se fossem árvores. Enfrentavam problemas com os cachorros, passarinhos, abelhas e besouros. Usavam dedais como panelas. Faziam excursões para dentro da casa das pessoas quando estas saíam e, nessas ocasiões, tomavam banho de piscina na pia do banheiro e ainda surrupiavam morangos da mesa ainda posta.

As imagens do livro mostravam esses espaços e objetos realisticamente, de tal forma que conseguiam criar, pelo menos para mim, a sensação de que tudo aquilo podia mesmo acontecer. Minha cabeça de menino viajava. Olhava e olhava aqueles desenhos. Achava-os – e eram mesmo – incrivelmente bem feitos. Lembro-me de muitas vezes me perguntar como uma pessoa conseguia desenhar assim.



tocar o fundo da pia.



Aquilo dava um trabalhão!

(William Donahey, A Cidade dos Anõezinhos, p. 36)

(William Donahey, Os Anõezinhos, p. 24)



Preciso falar de um outro livro de imagens.

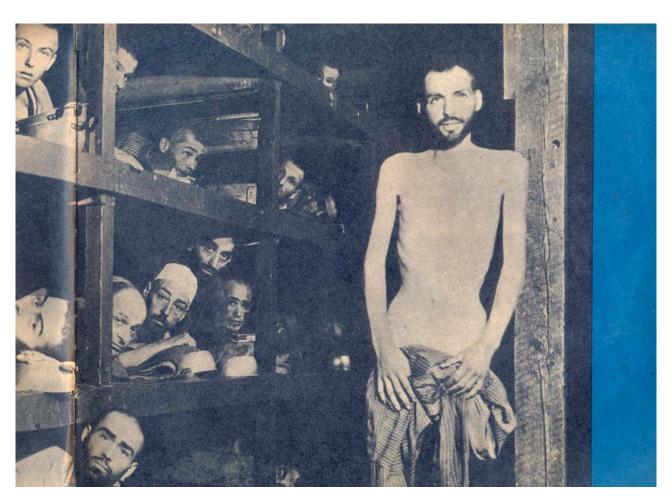
Tinha eu uns oito ou nove anos de idade e estava fuçando os livros de meu pai quando achei este, fininho, escondido entre outros num lugar bem alto da estante.

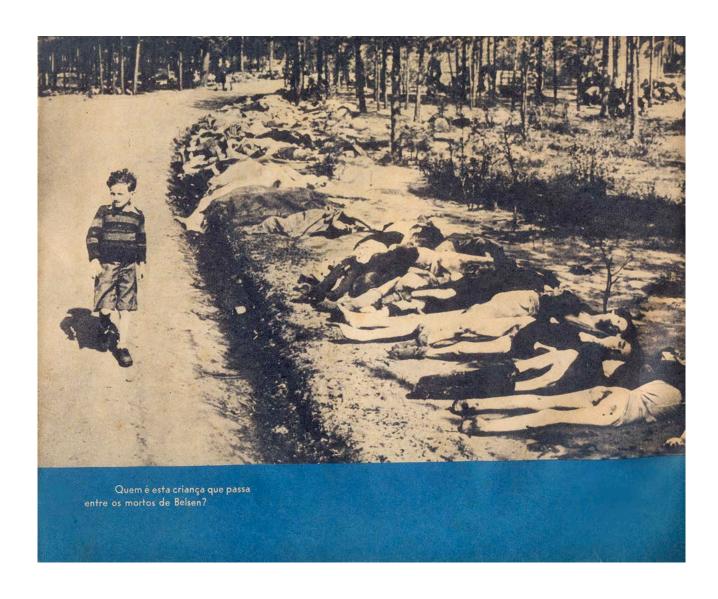
Era um documento fotográfico com o título *Jamais esqueceremos*, sem nome de editora nem data de publicação, sobre os campos de concentração nazistas. Nunca tinha visto nem imaginado nada parecido. As fotos, em preto e branco, mostravam pessoas esquálidas, gente mutilada, cadáveres empilhados no chão, crianças mortas, câmaras de tortura, tudo muito ruim. Fui perguntar ao meu pai o que era aquilo. Primeiro, levei uma bronca por ter pegado o tal livro. Depois ele me falou da guerra, dos campos de prisioneiros e dos judeus. Mandou guardar o livro. Disse que não era coisa para criança.

Tenho certeza de que não era coisa nem para criança nem para adulto. Impossível, independentemente de faixas etárias, não ficar marcado por imagens como aquelas.

Foi, acho, meu primeiro contato com esse outro lado do mundo, da vida e dos homens. Se fosse um texto sobre o assunto eu, menino ainda, teria dormido antes de terminar o primeiro parágrafo. As imagens fotográficas, entretanto, eram implacáveis. Não respeitaram minha idade, meu grau de instrução, minha inocência, nada. Entraram em mim como uma espécie de luz.

Mais tarde, assisti filmes, li romances, entrei em contato com reportagens e documentos sobre a II Guerra Mundial mas, até hoje, quando se fala nesse assunto, as primeiras imagens que me vêm à cabeça são em preto em branco tiradas de um livro fininho escondido no alto de uma estante.







("Descanso do Modelo" de Almeida Júnior, 0,98 x 1,30 m)

Agora, um livro em dois volumes: os *Primores da Pintura no Brasil*, uma retrospectiva de nossa pintura organizada por F. Acquarone e A. de Queiroz Vieira e publicada em 1942. O tipo da publicação luxuosa, com capa dura, vinhetas desenhados por Belmonte e reproduções de primeiríssima qualidade, coladas, uma a uma, nas páginas. Nos volumes não consta nome de editora.

Consultei muito esses dois volumes elegantes durante minha infância. As pinturas, que iam de Franz Post ao jovem Portinari, passando por Almeida Junior, abordavam tudo o quanto é assunto: episódios históricos com cenas heroicas e patrióticas; imagens bíblicas; paisagens; naturezas mortas; cenas rurais e urbanas. Alguns trabalhos eram muito bonitos, mas o que mais me agradava nos *Primores* eram os quadros com mulheres nuas. Ficava espantado de poder pegar aqueles livros, espiar aquelas mulheres todas e ninguém falar nada. Foram as primeiras mulheres nuas que vi na vida. A maioria delas em pose distraída, como se não soubessem que estavam sendo pintadas.

Viviam deitadas na cama, preguiçosas, lendo livros e cartas com os seios de fora, tomando banhos de cachoeira ou mesmo tocando piano completamente à vontade. Olhava, olhava, olhava e pensava com meus botões: – Deve ser muito bom conhecer e saber desenhar tudo isso!



("Nú" de Regina Veiga, 1,30 x 0,75 m)

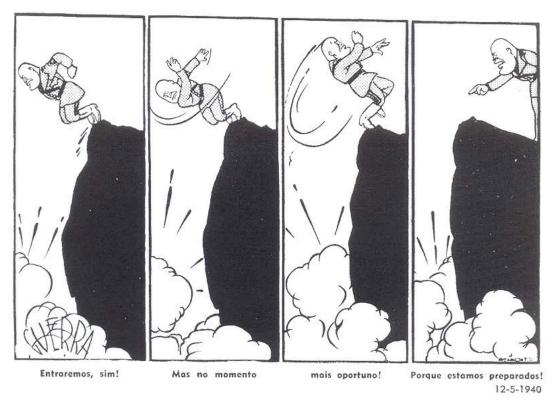


(Música Maestro!, Caricaturas Políticas de Belmonte Publicadas na Folha da Manhã e Folha da Noite, 1940)

Aproveito para falar sobre o trabalho de Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Carneiro 1896-1947).

A Folha da Manhã publicou entre 1939 e 42, acho, umas brochuras reunindo caricaturas e charges do grande desenhista (ele foi também escritor), a maioria delas sobre a guerra, todas publicadas anteriormente no jornal. Na época, alguém da família mandou encadernar e anos depois o material caiu em minhas mãos. Está comigo até hoje. Adorava esses livros. Os assuntos e as personagens – Stalin, Hitler, Getúlio, Chamberlain, Churchill, Selassié, Franco etc. – eram praticamente desconhecidos e de nenhum interesse para mim, menino de menos de dez anos. Aquelas imagens, entretanto, tinham uma força extraordinária. O desenho de Belmonte consegue ser elegante, despojado e expressivo ao mesmo tempo. Era a mágica e a inventividade dos desenhos o que me fazia procurar aqueles livros, despertando em mim um inesperado interesse em tão complicados assuntos de política internacional. Admirava o traço, as texturas, o movimento, o humor, as cenas criativas, as caricaturas que pareciam ter vida. Tenho certeza de que Belmonte está entre os grandes artistas brasileiros e, em sua área, entre os melhores do mundo. Pena que tão pouca gente ainda se lembre dele.

O SR. MUSSOLINI VAI ENTRAR NA GUERRA!



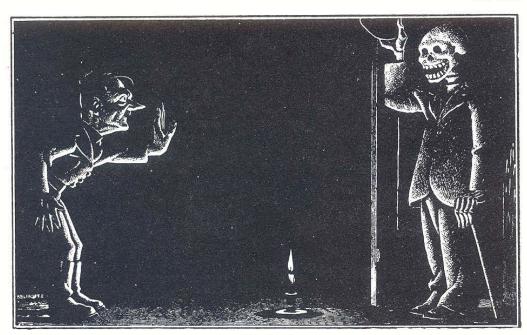


(Belmonte, Caricaturas dos Tempos, Edições Melhoramentos, 1948, p. 41)



SERENATA

30-5-1944

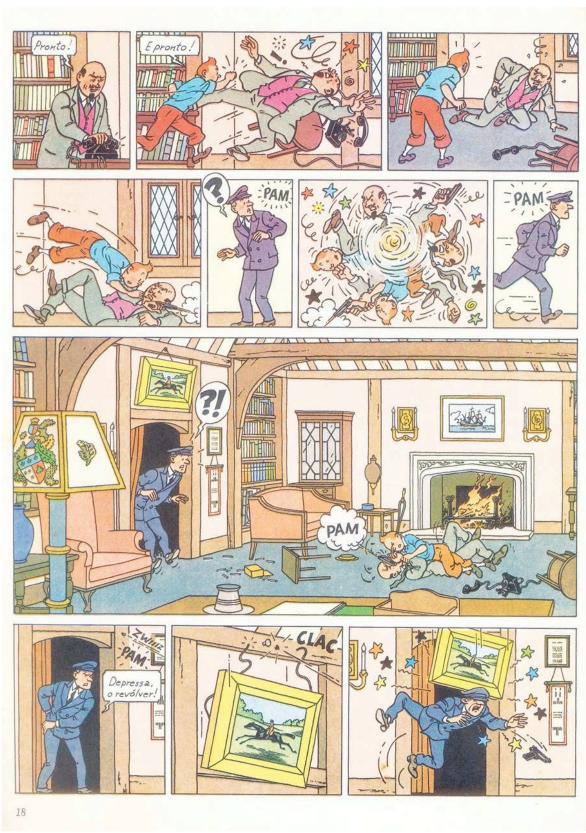


A ÚLTIMA VISITA

20-10-1944

— 97 —

(Belmonte, Caricaturas dos Tempos, Edições Melhoramentos, 1948, p. 97)



(Hergé, As Aventuras de Tintim – A Ilha Negra, 1970, p. 18)

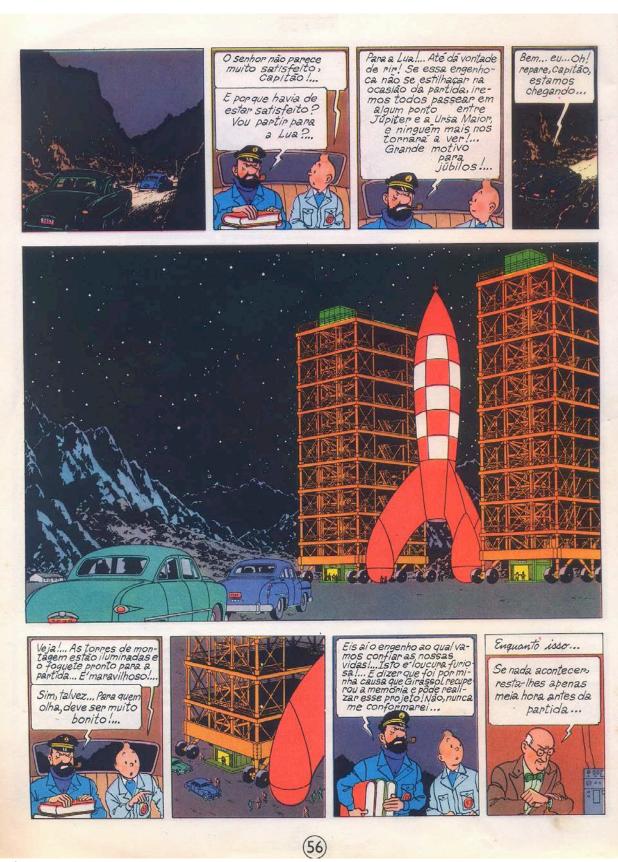
Li bastante revistinha quando era criança. *Cavaleiro Negro* e seu alterego Dr. Robledo, *Flecha Ligeira*, *Bronco Piller*, *Arqueiro Verde*, *Capitão Marvel* (quem lembra do Dr. Silvana?), *Texas Kid*, *Brucutu*, *Ferdinando* e *Luluzinha*, entre outros. Gostava muito do Fantasma e do Mandrake, mais pelas histórias que pelos desenhos. Nunca fui, porém, nenhum fanático por quadrinhos com uma exceção: *As aventuras de Tintin* criadas por Hergé (Georges Prosper Remi 1907-1983)

Ganhei meu primeiro Tintin com uns nove ou dez anos de idade. Era em inglês e eu não entendia nada: *The crab with the golden claws* – em capa dura – Ed. Methuen, 1958.

Os desenhos me fascinaram tanto que, mesmo sem poder ler o texto, logo passou a ser um dos meus livros prediletos. Ficava folheando o álbum, olhando aquelas imagens e tentando decifrar a história. Senti pela primeira vez na vida e na pele a necessidade urgente de conhecer outra língua. Mais tarde, arranjei outro álbum, esse em espanhol -Aterrizage en la luna – também capa dura – Ed. Juventud, 1959. Foi uma maravilha. A leitura era difícil, mas dava para entender tudo. Admirei ainda mais os desenhos neste volume, particularmente bem acabados - e dei boas risadas com o capitão Haddock – desde então meu personagem predileto – e com as trapalhadas dos irmãos Descobri, em seguida, que estavam vendendo no Brasil as Dupont e Dupond. aventuras completas editadas, creio, em Portugal pela editora Flamboyant. Anos depois foram publicadas pela Record. Só sei que, de pouco em pouco, fui comprando toda a coleção e mergulhando nesse universo maravilhoso criado pela belga Hergé. Personagens como o capitão Haddock e o professor Girassol são simplesmente fantásticos. Mas, e os outros? General Alcazar, Rastapapoulos, Castafiore, dr. Müller, o terrível Abdallah... Quantas vezes me peguei com um álbum na mão, admirando sua arquitetura, suas histórias, seu humor delicado? Quantas e quantas vezes não parei para admirar seus desenhos?



(Hergé, As Aventuras de Tintim – Rumo à Lua, 1970, p. 48)



(Hergé, As Aventuras de Tintim – Rumo à Lua, 1970, p. 56)

Teoricamente, o trabalho de um escritor deveria ser marcado por certos livros que leu e o trabalho de um ilustrador por certas imagens que viu. Na prática, não creio que as coisas funcionem assim. É possível que um escritor seja influenciado, por exemplo, pela concepção visual de algum artista plástico, por determinados filmes ou pelo teatro. Da mesma forma, é perfeitamente possível encontrar um artista plástico marcado pela leitura de certos livros.

A diferença entre o que absorvemos através de textos e o que absorvemos através de imagens precisaria, a meu ver, ser melhor estudada.

Para ficar num exemplo: a maioria das escolas até hoje ignora solenemente a importância, as peculiaridades e as possibilidades do conhecimento transmitido por meio das imagens.

Com os pontos levantados neste pequeno artigo pretendi, em todo o caso, falar da força poderosa, e muitas vezes esquecida, das imagens como transmissoras insubstituíveis de conhecimento; das imagens como ampliadoras de nossa consciência; da importância das imagens na formação intelectual e ética das pessoas; da influência imensa e difícil de medir das imagens na construção da "visão de mundo" de cada um de nós.